



# GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — Collaboradores: Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, B. Machado, B. Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, João Monteiro, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Maria L. Caldas, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 30

Março — 1883

2.º anno

## JOSÉ DE SOUZA LARCHER

Occupa hoje o logar d'honra na *Galeria Republicana* o retrato de um cidadão, que aos dotes de perfeito cavalheiro reúne meritos de tão apreciavel valor, que, seria summamente injustificavel não contrariar a sua proverbial modestia, negando á publicidade o registro das qualidades que o distinguem e que mui notavel o tornam nas fileiras do partido republicano.

A familia Larcher é de origem franceza e descende, em Portugal, de mr. Joseph Larcher que em 1773 veio de França para fazer parte da direcção technica da fabrica de lanificios, que o Marquez de Pombal mandára estabelecer no extincto convento dos jesuitas de Portalegre.

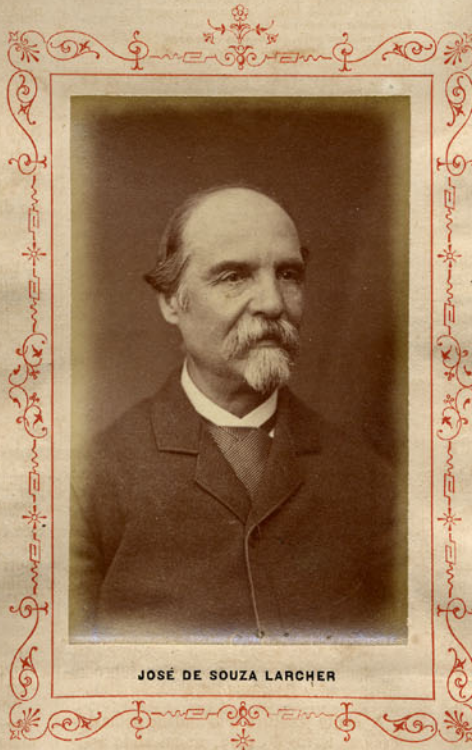
José de Souza Larcher, filho do distincto e illustre proprietario industrial Antonio Larcher e de D. Margarida Thomazia de Souza Larcher, nasceu na cidade de Portalegre no dia 5 de Maio de 1821. época em que, havia apenas dez mezes, Portugal tinha levantado o seu primeiro grito de liberdade e confirmado no mesmo commetimento os seus brios de independencia.

O regimen politico sob o imperio do qual o nosso biographado vio a luz do dia, e a dedicacão entusiastica de toda a familia Larcher aos principios politicos proclamados no sempre memoravel dia 24 d'agosto de 1820, assignalavam com segurança o caminho, que no decorrer da vida o recém-nascido seguiria, ouvindo no berço os hymnos e as acclamações do povo victoriando os heroes, que lhe haviam quebrado as algemas da escravidão.

\* \*

Em terreno accidentado o traçado de uma estrada, que os engenheiros se empenham de levar em linha recta a um ponto

determinado, encontra, não raras vezes, obstaculos naturaes, que, ou difficultam a execução, ou a retardam para quando os meios de os remover sejam devidamente apreciados. No campo politico acontece a mesma cousa.



JOSÉ DE SOUZA LARCHER

A constituição de 1822, ampla estrada politica, que o congresso constituinte patrioticamente traçara para facilitar as relações sociaes das diversas classes da nação portugueza, sem predominio exclusivo de nenhuma d'ellas, e garantindo amplamente os direitos individuaes dos cidadãos, encontrou logo no inicio da sua execução obstaculos de tal ordem, que foi,

no momento historico, impossivel de remover.

O obice principal que em 1823 destruiu a constituição democratica de 1822 foi a familia então reinante, que não se recommendava ás sympathias publicas nem pelos dotes de espirito nem pela moralidade de costumes, tanto na vida intima como nos actos officiaes. As intrigas, os odios e as dissensões que lavravam no seio d'essa familia, levaram o chefe do estado a ser perjuro, e o perjuro destruiu n'um momento as liberdades publicas e entregou o paiz outra vez aos rigores do absolutismo.

O sentimento nacional manifestou-se por todos os modos; cessaram os hymnos e as acclamações populares; imprimiu-se nos rostos um signal indiscriptivel de profundissimo desgosto; mas nos corações conservou-se o sentimento de fidelidade á lei jurada, para mais tarde se manifestar por actos de abnegação e valor dignos de serem exemplo.

Não podia ainda o nosso biographado, na curtissima idade de dois annos, saber a razão porque nas phisionomias de seus paes e parentes andavam estampados os signaes do desgosto e do recio.

Deixemol-o saltar do berço e aprender com a sua aia a dar os primeiros e incertos passos, e veremos poucos annos mais tarde como elle se exalta perante os enthusiasmos politicos da sua honradissima e liberal familia.

\* \*

As leis da natureza teem tido por muitas vezes influencia poderosissima no destino politico das nações. A morte de D. João VI, occorrida em 10 de março de 1826, causou uma perturbação profunda nos arraiaes do absolutismo e deu animo e esperanca ao partido constitucional. O filho primogenito do defunto monarcha occupava o throno imperial do Brazil,

e não podendo por isso vir occupar o throno portuguez, que de direito lhe pertencia, abdicou em sua filha primogenita D. Maria da Gloria, escudando-a contra as ambições de seu tio D. Miguel com a outorga da carta constitucional, para lhe grangear no paiz o apoio do grande partido liberal.

Se as festas com que o povo portuguez solemnizou o movimento politico de 1820 foram espontaneas e ruidosas, não o foram menos aquellas com que saudou a exaltação ao throno da nova rainha, e principalmente o codigo politico que de novo o libertava.

As festas tanto publicas como particulares foram esplendidas. Assistámos a uma d'estas ultimas em que José de Souza Larcher tomou parte, e vejamos como elle pateou na puericia a indole politica que o havia de caracterisar.

A familia Larcher convidara a um banquete as auctoridades e pessoas de distincção da cidade de Portalegre, e destinara para realisar as suas festas um espaçoso jardim da sua habitação.

Entre flores e a sombra de copadas laranjeiras cujos troncos se achavam primorosamente engrinaldados, teve logar o opiparo banquete, que correu animadissimo pelas expansões da alegria de todos os commensaes.

Chegado o momento dos brindes, tomou a palavra um dos membros da familia Larcher, que depois de historiar o facto politico que se solemnizava, levantou com voz fremente d'enthusiasmo o primeiro brinde à carta constitucional, segundo a rainha D. Maria II, e o terceiro a D. Pedro IV. Estes brindes foram calorosamente correspondidos por todos os assistentes, seguindo-se-lhes geraes protestos de adhesão ao novo regimen politico.

O enthusiasmo dos adultos communicou-se ás creanças, distinguindo-se entre ellas José de Souza Larcher, que na sua voz juvenil e ainda balbuciante repetia sem cessar os vivas à carta constitucional, valendo-lhe o seu precoce enthusiasmo as caricias e beijos de todos os convidados e parentes.

Este sumptuoso banquete ficou registrado nas paginas da historia politica de Portalegre, como um compromisso do partido liberal para a defeza e sustentação do novo codigo politico, e foi tambem notado no livro negro do absolutismo para futuras perseguições.

A carta constitucional recebeu em pouco tempo o seu baptismo de sangue. Os seus partidarios venceram no campo da batalha os sectarios do despotismo, e seriam as suas victorias a consolidação do novo systema politico, se um novo perjuro seguido de um inaudito abuso de confiança não tivesse destruido em 1828 a obra de D. Pedro IV, e condemnado o paiz a soffrer pelo espaço de 5 annos as tyrannias do usurpador D. Miguel.

N'este periodo de ominosa memoria não houve familia liberal no paiz, que não tivesse a lamentar a perseguição feita a algum dos seus parentes. O banquete dado em Portalegre pela familia Larcher tinha-se recommendado ás furias absolutistas,

e por isso o mais velho da familia José Larcher e o mais novo Francisco Larcher, tios do nosso biographado, morreram de nostalgia, achando-se emigrados, o primeiro em Hespanha e o segundo em Paris.

O dr. Joaquim Larcher, irmão dos referidos, esteve emigrado todo o tempo da usurpação e os outros dois irmãos Antonio Larcher e João Larcher ficaram em Portalegre, soffrendo em sua casa os assaltos miguelistas, que nunca tiveram o resultado apetecido, por terem na sua propriedade segurissimo esconderijo, onde por muitas vezes se salvaram o dr. José Maria Grande, dr. Roxo contraparentes de Larcher, dr. Madeira, dr. Carrilho e outros amigos da familia, igualmente perseguidos por liberaes.

As repetidas invasões miguelistas à casa paterna, as prepotencias que os invasores alli praticavam, os espancamentos e fusilamentos que por algumas vezes tiveram logar na cidade e de que foram victimas muitos desgraçados, todos estes horrores, imprimiram no coração juvenil de José de Souza Larcher uma profunda aversão ao absolutismo, e mais o fizeram estremer d'amor pela causa liberal.

Apesar dos continuos sustos e constante inquietação dos espiritos n'aquelles tristes cinco annos, lá foi seguindo os estudos proprios da instrucção primaria e secundaria; sendo leccionado em francez e geographia pelo dr. José Maria Grande, que como já dissemos, se tinha refugiado na casa Larcher.

Logo depois de terminada a guerra civil, veio José de Souza Larcher para Lisboa matricular-se na academia da marinha e depois na escola polytechnica para se habilitar com os estudos necessarios à carreira que pretendia seguir.

Tendo sido acompanhado a Lisboa por seu pae, ficou residindo em casa de seu tio Joaquim Larcher, governador civil do districto, e onde igualmente residia seu tio por alliança Antonio Aluisio Jervis de Atouguia, que exercia n'aquella época o cargo de ministro da marinha.

A residencia d'estes dois notaveis liberaes, que tinham aproveitado o tempo da emigração no estudo da organização politica da Franca e da Inglaterra, o que lhes servio de valioso auxilio nos altos cargos que desempenhavam, concorriam frequentemente outras notabilidades de não menos tomo na politica, na sciencia e na litteratura, taes eram Monsinho da Silveira, Almeida Garrett, F. Folque, José Maria Grande, Lopes de Vasconcellos, Ferreira Passos, etc., etc.

A reunião de hozens tão distinctos pelo seu saber e prestimosos serviços à causa da liberdade, dava sempre logar a variadas e instructivas discussões sobre diversos pontos de administração, de finanças, de politica, de sciencia e de litteratura.

Foi assistindo a estas importantes discussões, prestando-lhe uma attenção não vulgar na sua curta idade, que José de Souza Larcher cultivou o espirito, adquirindo conhecimentos da economia politica e administração, que muito o predisposera para proseguir no estudo d'esses assumptos a que era chamado por natural inclinação.

Pouco tempo depois da sua vinda para Lisboa, fallecera em Portalegre sua mãe

D. Margarida Thomazia de Souza Larcher, senhora que reunia a utra bondade extrema o conjuncto de todas as virtudes e os dotes de uma finissima educação.

A noticia d'este triste acontecimento feriu acerbamente o coração de Souza Larcher, e contribuiu para o trazer afastado das distracções e folgares proprios da mocidade, empregando o tempo em porfiada leitura.

Empreendendo-se por aquelle tempo dar grande impulso à industria fabril de lanifícios, foi elle escolhido para ir a Franca habilitar-se nas escolas e nos grandes estabelecimentos industriaes de Paris e das principaes cidades manufactoras.

Nos quatro annos que residiu em Franca deu-se ao estudo theorico e pratico da administração economica industrial, ouvindo as lições do celebre Dumas, que n'esse tempo dirigia o estudo das sciencias naturaes na escola central de Paris, e as do curso de tecnologia industrial leccionadas pelo notavel professor Alcan, vindo as lições do celebre Dumas, e seguindo o curso pratico nos importantissimos estabelecimentos fabris da distincta familia Passy e de Guillaume Petit, cavalheiros de quem ainda conserva saudosissimas recordações, pelo modo por que lhe facilitaram a instrucção e a delicadeza com que lhe amenisaram as agruras do estudo.

Regressando a Portugal em 1842 foi para Portalegre dar direcção e impulso a nova organização das operações fabris exigida pelos processos mais modernos e pela applicação do variado machinismo, que successivamente se mandava vir de Franca e de Inglaterra.

Sentiu-se em breve tempo a influencia dos melhoramentos introduzidos; a fabrica principal chamada a real transformou-se completamente; triplicou a sua anterior produção, e chegou a um tal grão de progresso que os seus productos não tinham rivais em todo o paiz, e concorriam sem desdouro a par dos similares estrangeiros.

Pelo mesmo tempo, de sociedade com um seu cunhado, estabeleceu uma nova fabrica para uma fabricação especial, e esta tambem se tornou notavel e prosperou.

Todo entregue a questões industriaes não tomava parte activa na politica da época.

Só depois do fallecimento de seu pae, em 1849, acontecimento occorrido em Lisboa, sendo então deputado, e que profundamente o consternou, é que, quasi coagido, desempenhou os cargos por aquelle dignamente exercidos, e foi assim que successivamente foi vereador, procurador á junta geral, conselheiro de districto, governador civil interino, e substituto do juiz de direito.

No exercicio d'estas variadas funcções que accumulava com a administração das fabricas e da agencia do Banco de Portugal, deu sempre provas de uma firme inteireza e de não vulgar independencia e hombridade de caracter.

Nem elle, nem seu pae, nem seus tios acceitaram graças em remuneração dos seus serviços, preferindo conservar o honrado nome de familia, que por si só

muito os recommendava ás sympathias do paiz.

Em 1861 mudou a sua residencia para Lisboa para seguir a educação dos filhos.

Depois de 1871, tendo deixado a vida industrial e commercial, entrou na carreira administrativa, sendo nomeado administrador substituto do bairro occidental, e exercendo por vezes interinamente o cargo de commissario de policia em todas as divisões a pedido do governo civil.

Desejando proseguir na carreira que encetara e para a qual tinha decidida vocação, poz de parte a discordancia que politicamente o segregava dos seus chefes, e com a prudencia propria de um caracter reflectido, poude ainda por espaço de nove annos, sempre que foi chamado ás obrigações do seu cargo, exercel-as com singular isenção, sendo escrupulosamente imparcial e justiceiro.

Não tinha Souza Larcher pulmões apropriados para respirar o ambiente pesado e deletorio que cerca as regiões officaes, sob o actual systema politico, nem o seu caracter era de molde para se dobrar a exigencias illegitimas e soffrer resignado desconsiderações e injustias. Precitava de uma atmospheria mais pura para moral e politicamente respirar a pleno pleito, e a sua indole chamava-o ao convivio dos homens, que n'um mote puramente democratico, se propunham a substituir a politica do erro pela politica da verdade, e a acção do patronato e do privilegio pelo imperio da justiça e da moralidade.

O predomínio d'estas causas, levou-o em 8 de julho de 1880, estando no poder os progressistas, a uma resolução definitiva: entregou nos arraiaes monarchicos o seu diploma auctoritario, e entrou francamente no campo republicano, não como aspirante a recompensas, mas guiado unicamente pelas indicações do seu philantropico espirito, que naturalmente o levam a ser em extremo dedicado pela causa dos opprimidos.

Não entrou na arena da propaganda republicana munido da borla de doutor ou da carta de bacharel, nem se exhibe nas manifestações ruidosas por estímulos de natural modestia; mas, aliando ao estudo a pratica dos negocios, tem creado no silencio do gabinete, trabalhos apreciaveis para as questões sociaes, quer se considere no campo politico, quer no economico ou administrativo.

O repertorio d'estes importantes trabalhos partidos quaes foram publicados anteriormente á sua espontanea filiação no partido republicano, é o seguinte:

1869 — Opusculo sobre o cadastro e as contribuições directas.

1873 — Estudo sobre a divisão do territorio e organização administrativa, em onze capitulos — publicado na *Democracia* — onde escreveu muito sobre assumptos coloniaes.

Publicou no *Jornal do Commercio* varios artigos sobre administração e finanças.

Em 1 de julho de 1881 — Estreiou-se no *Seculo*, com um notavel artigo — *Inquilinos e senhorios*.

Em setembro publicou oito artigos sobre *Protecção e livre cambio*.

A cerca da importancia e merito d'estes artigos não posso deixar de transcrever

aqui a opinião authorizada do dr. Assis Teixeira, lente na Universidade de Coimbra; diz elle escrevendo a um seu amigo:

«O assumpto tem sido largamente discutido pelos economistas e financeiros, e n'esta questão o espirito de escola tem-se muitas vezes substituido á severa apreciação dos factos, com manifesta desvantagem para a solução d'este importante problema, tão intimamente ligado á prosperidade das nações. O sr. Larcher, que eu não tenho o gosto de conhecer senão por este seu escripto, desviando-se d'aquelle errado caminho, e examinando antes com muita imparcialidade o systema aduaneiro das principaes nações, cujos effeitos economicos determina com notavel exactidão e verdade, estudou esta questão com excellentes criterios, applicou-lhe o verdadeiro methodo positivo e scientifico, e, a meu ver lançou n'elle grande luz»..... «O estudo do sr. Larcher é incontestavelmente digno de figurar entre as melhores monographias que sobre o assumpto tem sido publicadas.»

Em novembro de 1881 — Publicou oito artigos sobre cadastro, fazendo applicação dos principios do opusculo.

Em janeiro de 1882 — serie de artigos criticos sobre o inquerito á industria e o tratado com a França.

Em abril — Artigos — critica da renovação das matrizes em andamento.

Em dezembro — Artigos sobre o deficit e o futuro.

Janeiro de 1883 — Artigos — exame do orçamento, etc., etc.

Todos os trabalhos de José de Souza Larcher primam pelo fim a que são destinados e pelo bom senso com que são escriptos, embora n'um ou n'outro ponto a originalidade das suas ideas e o modo de as expôr contrarie certas reminiscencias escolasticas dos que ostentam tão somente os seus diplomas academicos.

Souza Larcher, como muitos outros, instruiu-se e formou-se a si mesmo sem o auxilio especial de nenhuma escola de economia politica. Ouvio nas palestras scientificas d'homens notaveis tratar dos assumptos seus predilectos, e ajudado favoravelmente pela variada experiencia adquirida como proprietario, industrial e no exercicio de funções administrativas competentes, poude com bom criterio escolher nos livros os principios em que devia firmar as suas opiniões, e apresentou-as na linguagem despretençiosa e mais propria a ferir a intelligencia das classes menos favorecidas de instrução, e que mais interessam na solução pratica das questões sociaes.

Souza Larcher é por natureza afavel, valedor perante o infortunio alheio, corajoso e resignado no proprio, e tolerante a ponto de nunca sacrificar as relações d'amizade ás divergencias da politica. O seu temperamento e a educação esmerada que recebeu, insensivelmente o levam ao entusiasmo quando vê adoptar um principio, que dê largas ao desenvolvimento das ideas democraticas.

Incapaz de praticar acções de menos delicadeza, insurge-se contra as que presencia sem que sejam provocadas. Apostolo da instrução e respeitador dos diplomas academicos, lamenta contudo que, á generalidade dos instruidos não corresponda á generalidade dos bem educados, e que este desequilibrio se note nas espheras

superiores para mau exemplo das classes populares. Por isso elle deseja que n'estas classes a instrução ande a par da educação, afim de que cada individuo tenha em si os recursos necessarios á sua existencia, e saiba manter os seus direitos, respeitando os dos outros, ainda que os veja collocados em condições de inferioridade.

Com o cuidado proprio de quem foi na juventude e é na idade madura amigo certo e companheiro, colligi os apontamentos para a biographia que acabo de escrever, e que devia ser tratada por pena mais aparada e em estylo mais elegante.

Falta-lhe apenas o ultimo *toque* que de verdadeiro relevo á situação politica em que se acha o biographado. Dal-o-hei com a mesma simpleza e sinceridade com que lhe desenrolei a historia á vista dos correligionarios.

Souza Larcher não é um partidario descontente, que desertasse dos arraiaes monarchicos para se abrigar nas tendas republicanas e ir ali satisfazer ambições.

Liberal convicto, mas sem filiação politica determinada, transitaria pelas estações officaes e observava-se na rotação dos partidos, quando se succediam no poder, havia ali verdadeiro culto pela liberdade, amor pela justiça e respeito pela moralidade. Foi tristissimo o desgano! E Souza Larcher desejando concorrer para a transformação politica de que o paiz carece, dirigiu-se então com passo firme para o campo onde ainda só ha nobreza d'aspirações, e ahí, com o auxilio da sua intelligencia e boa vontade, ajuda os que se empenham em firmar as liberdades publicas n'um systema mais consentaneo ás exigencias progressivas das modernas sociedades.

Neste procedimento e no que já anteriormente tinha tido, regeitando uma candidatura official em 1865, ressumbra a abnegação do seu caracter; e o partido republicano recebendo-o fraternalmente nos braços, honrou-se a si honrando o proseyto.

Lisboa 25 de março, 1883.

SOUZA QUINTILLA.

## NA QUARESMA

(Offerecido ao meu amigo João Antonio Silvestre)

Eu vi-a (era na quaresma)  
Ajoelhada ante a *bofina*:  
As faces tinham frescura  
E a bella cor purpurina.

— «Men padre, dizia a triste,  
Muito e muito esvergonhada»  
«Eu tenho peccado tanto,  
«Que por Deus fui desprezada.

«Por mais que en ore chorando,  
«Vão crescendo os meus tormentos;  
«Por mais perdoes que lhe peço  
«Deus não ouve os meus lamentos!

«Os dias da juventude,  
«Que deviam ter encantos,  
«E'ra mim são tristes, bem tristes,  
«E'ra passos a verter prantos!»

— «Mas que peccado foi esse,  
Pergunta o padre em seguida,  
«Que trouxe tantos desgostos  
«Aos dias da tua vida?»

— «Amei, amei loucamente;  
«E um dia, meu padre, um dia...  
«E'ra na quadra risosha  
«Em que canta a cotovia!»

«Esse, que me enfeitára  
(Com seu olhar meigo e terço,  
Fiz-me crer que não existem  
As grandes penas do inferno!»

«Ello ousou pedir-me um beijo!  
E eu quiz cair em peccado:  
«Não oppuz minhas recusas,  
«Dei o beijo enbucado!»

Aqui, a joven callou-se;  
Os ais na egreja cohoaram;  
E pelas faces mirrosas  
As lagrimas lhe roraram!

—É só essa a tua falta?  
Lhe volta o padre, sorrindo,  
Com malícia contemplando  
Da poemea o rosto lindo!

—Juro que d'outro peccado  
«Não me accusa a consciencia.»  
—E onde está o audacioso,  
«Que te fez tal exigencia?»

—Fugiu-me, fugiu-me ha muito!  
—E tua mão que tem dito?  
—Se a minha mão o dissesse  
«Mais augmentava o delicto.

«Sou christá, e sei que as culpas  
«E só Deus quem as perdoa;  
«Sei que é maior o peccado  
«Se é dito a qualquer pessoa!»

—«Pois, tranquillisa-te, ó bella;  
«Estás por mim absolvida;  
«Vae ver se voltam alegres  
«Os dias da tua vida!»

Levantou-se a ingennasinha  
E foi-se a casa contente!  
Já tinha extinto a remorso  
Que a magoira fortemente!

Oh! Jesus! com que heresia  
A sã razão se supplanta  
Em nome d'uma doutrina  
A que tu chamaste santa!

Yê tu como aquella filha,  
A mãe occulta um segredo;  
Com ella não desabafa,  
Porque ao peccado tem melo!

Da mãe ao amor tão puro,  
A mãe que a trouxe nos braços,  
Não se conta o que se conta  
A muitos padres devassos!

REKKARÉDO.

### Os costumes do povo

(Continuado do numero antecedente)

O patriotismo de D. João VI se tanto quizessem, usando, e levando o povo a proceder assim, preferindo os productos nacionaes aos estrangeiros, devia hoje ser conservado pela monarchia, e pelos seus aulicos; sem exigirmos, entenda-se bem, o uso dos bellos capotes de seis a dez moedas dos seus avoengos, ou as suas calças de briche nacionaes; alterassem embora esses rigores, mas sem offensa dos brios nacionaes!... Mas não! os *figurões* d'hoje, como os d'outr'ora, seguem os costumes a que a realesa abre o exemplo!... A realesa d'hoje, não podendo impôr-se pela força, ao povo que d'ella se começou ha pouco a rir, pretende impôr-se pelos seus *tuos*, despejando para esse fim, os bolsos do povo... para que não possa fazer outro tanto! E' um costume de menos que o povo é forçado a dispensar, como outros, que actualmente o povo põe de parte por entender que a escola da monarchia só lhe dá maus exemplos... D'aqui, a derivação d'outros costumes que nos fazem rir: Os *grandes* (como o povo denomina os que o roubam), collocam nas *boutonnieres* das suas casacas umas enormes rosas, ou uns raminhos de violetas com suas folhinhas de mangeroana; o povo, enche as *jalecas* de perpe-tuas!!

São os enfeites d'aquelles mais cheirosos, mais *chics*? Cheiram as perpetuas do povo a petroleo? — Ora! o *povinho* não quer saber d'essas bagatellas! Tambem os seus governantes embirram com os to-

ques da Marselhesa, e o *povinho*, quando pôde admitte-o no numero dos seus costumes porque passou a ter outra escola!...

Prova-se aqui, a existencia d'outros costumes em virtude d'ella, tendendo a concluir por inutilisar tudo de que a velha escola se sirva para os derruir! Observada a lucta entre as duas escolas, facilmente se nota, que a monarchia agonisa, tendo que manter o seu prestigio, e, portanto a conservação dos seus elementos de vida e dos seus costumes a troco de rios de dinheiro comprando os direitos politicos do povo que lh'os possam garantir!...

Costumes e vergonhas estas, em que a mulher collabora inconscientemente em parte, não, como o homem, tomando parte na venda da sua dignidade, perante a urna, porque a monarchia d'ella a exclue; mas sim, como mãe e mulher, não sabendo encaminhar os que lhe são queridos a conservar impoluta de mancha, a honra de que estes participam desprestando os saltadores da sua dignidade!

Este defeito, como todos, pertença da monarchia, tem por origem as difficuldades com que a mulher entre nós lucta, para se equiparar em instrução ao homem, além de que, a mulher portugueza, desconhece quasi geralmente a historia do seu paiz, as suas leis, os seus homens de estado, os partidos ou aggrupações politicas n'elle existentes: vendo apenas só uma collectividade a que chama monarchia! Conhece-lhe os costumes, como os caprichos; conhece-lhe as loucuras como as extravagancias, pensando só, que ella procede bem! Assim, se a realesa, pretende *brilhar*, enfeitada com os seus custosos brilhantes, a mulher, procura imital-a embora com falsas pedrarias, mas que fulgurem! Quando *nobre* e rica, mostra-se altiva como aquella; soberba tambem, repellindo as que lhe estão inferiores em posição, como os homens, em virtude da educação acanhada de que a mulher em tal caso tambem goza! N'outras circumstancias, a mulher foge do homem porque n'elle vê sempre um perigo, torna-se timida e esquiva, não lhe prestando o menor concurso nas questões do mais elevado interesse social.

Estabelecida como costume a educação da mulher entre nós, e esta considerada medianamente educada tendo um mau exame de instrução primaria, aprendendo até ao alcance d'esse exame, a fazer umas flores quaesquer, uns bordados insignificantes; e, não sabemos que mais, alcançadas em seguida umas pobres noções de piano!...

(Continúa).

J. DE ROSIERS.

### CHRONICA

A quinzena foi esteril em acontecimentos, muitissimo esteril. Unicamente temos a registrar dois factos, egualmente monotonos e sombrios: — chuva e padres.

Viste a semana santa, meu amigo, visitaste as egrejas? Nada mais curioso e excêntrico...

A sahida de uma egreja, um moço sahe de braço dado com uma senhora. Um outro moço ia no encaço da dita. Mas eis senão quando vemos os dois moços engalinhados, como cães, que disputam a mesma presa.

Indagámos do acontecido. Respondem-nos que o segundo dos moços em questão era um insolente, um grandissimo insolente, pois que pretendia nem mais nem menos — ó pudor, vêa a rubicunda face! — pretendia, sabem o que? — elle pretendia apalpar a menina — pretendia apalpar-a, meus senhores...

Indignação geral entre as hostes catholicas:

— Que não! — resmungavam suas senhorias — que o templo de Deus se não tinha feito para aquellas cousas, para aquelles escandalos — que era mister pôr cobro a semelhante villanagem.

Idem:

Das meninas — ao parecer costureiras — sahem de braço dado da mesma egreja.

Um guapo rapaz, profissão vadio, abeira — se — sim! elle abeira — se... — e zas, em plena bochecha, pespega, n'uma das referidas moçoilas, um beijo estridente, sonoros, um beijo inaudito, que fez corar de raiva e de inveja os sacerdotes, que em pleno templo, entoavam a tal cousa catholica apostolica romana.

Tableau: O soldado da municipal, que estava proximo, sorriu meigamente para o bandido do beijo, como quem diz: conheço essas scenas; tambem já beijei, tambem beijo, tambem hei de beijar... São verduras, dizia o prior. N'estes tempos tristes não ha remedio senão ir amesinando a vida de qualquer modo — exclamou um irmão do Santissimo.

A moçoila gritou: — que lhe daria um sopapo — que a deixasse — que sim, que não, o diabo! Tudo como d'antes quartel general em Abrantes.

E eis ahí está como isto caminha... Ora pois!

Sabiu mais um jornal republicano — O grito do Douro.

Os bregeiros da monarchia a gritarem contra a republica, e particularmente contra a republica franceza. Pois sim! E dar-lhe para a frente, valentes defensores da barriga! Aquillo está tudo perdido! Uns malsims, que não sabem governar. Pois que diabo valem os srs. Ferry, Waldek-Rousseau, Thibaudin e Challemeil-Lacour ao pé dos srs. Fontes, Serpa e Thomaz Ribeiro?! Ha de ser isso, ha de...

Não te parece, meu amigo, que o melhor é vival-os directamente aquella...?

Decididamente, não ha nada no mundo, para se ter talento e previsão, como pertencer á luzida pleiade dos *baldomeras* e dos *salamanqueiros*.

E para a frente, valentões, e visto já termos agora do novo...

Estão em via de organização mais dois centros republicanos no paiz — um na Regoa, outro em Vizeu.

E' assim que se desmentem as insidias dos asnos da monarchia, que nos odeiam e nos calunniam — trabalhando sempre e ininterruptamente, com galhardia e utilidade, a favor da causa republicana, que é a causa da patria e do futuro.

CABRION.